

27/01/98 11  
228

# Ciência

**DESMATAMENTO** Relatório do governo indica que aproximadamente 11% da destruição na região aconteceu nos últimos três anos

## Devastação recorde na Amazônia

VASCONCELO QUADROS

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP – O novo relatório do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) aponta 1995 como o ano de destruição da Floresta Amazônica: foram 29.059 quilômetros quadrados de floresta derrubada ou uma extensão equivalente a mais que o tamanho do estado de Alagoas num só ano. Cerca de 11% de toda a devastação da história da região ocorreu nos últimos três anos, durante o período do governo de Fernando Henrique Cardoso.

Apesar do recorde de 1995 representar o dobro da área destruída em 1994 – 14.896 quilômetros quadrados –, os dados do Inpe mostram também que há uma queda significativa nos anos seguintes. Em 1996 foram 18.161 quilômetros quadrados e, no ano passado, as projeções indicam que foram desflorestados 13.037 quilômetros quadrados. O índice mais baixo de desflorestamento foi atingido em 1991, com 11.200 quilômetros quadrados.

**Queda** – “Houve queda, mas não temos motivos para comemorar. Os dados são desconfortáveis”, reconheceu o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, ao participar ontem, na sede do Inpe, em São José dos Campos, da divulgação do relatório. A área já desmatada em toda a região considerada Amazônia Legal é de 517.069 quilômetros quadrados, algo em torno de 51 milhões de hectares de terra ou mais de duas vezes o tamanho do Estado de São Paulo. O dado novo desse cenário de destruição, segundo o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Eduardo Martins, é que a maior parte do des-

florestamento nas pequenas propriedades rurais, situadas em áreas de assentamentos do programa de reforma agrária.

O levantamento do Inpe mostra que em 1995, 21% das matas derrubadas estavam em propriedades até 15 hectares e 27% em glebas de 15 a 50 hectares. Em 1996, 18% estavam em áreas de até 15 hectares e 23% em áreas de 15 a 50 hectares. As propriedades acima de 1000 hectares, segundo os dados do Inpe, contribuíram com 11% da destruição em 1995 e em 24% no ano de 1996. O Inpe mediu também o tipo de vegetação atingida pelo desflorestamento e concluiu que as do tipo ‘ombrófila aberta’ foram as mais derrubadas: 31% em 1995 e 32% em 1996. Em segundo lugar vem a ombrófila densa, com 29,5% em 1995 e 23,6% em 1996.

**Assentamento** – Embora os assentamentos rurais tenham sido apontados como o fator que mais impulsionou o desflorestamento, a exploração de madeira dura – tanto para o consumo interno quanto para o exterior – é o outro vilão. Segundo os dados do Ibama, 90% da madeira consumida em todo o país saem da região amazônica. Junto aparecem também os grandes projetos de desenvolvimento agropecuário da região. Eduardo Martins disse que o Ibama está apertando a fiscalização da região e, no ano passado, chegou a apreender 600 mil metros cúbicos de madeira extraída ilegalmente e chegou a emitir cerca de RS 9,8 milhões em multas contra as empresas estrangeiras. Apenas 20% do desmatamento foi autorizado. No período de 1994 a 1996, os estados do Mato Grosso e Pará contribuíram com mais de 60% de todo o

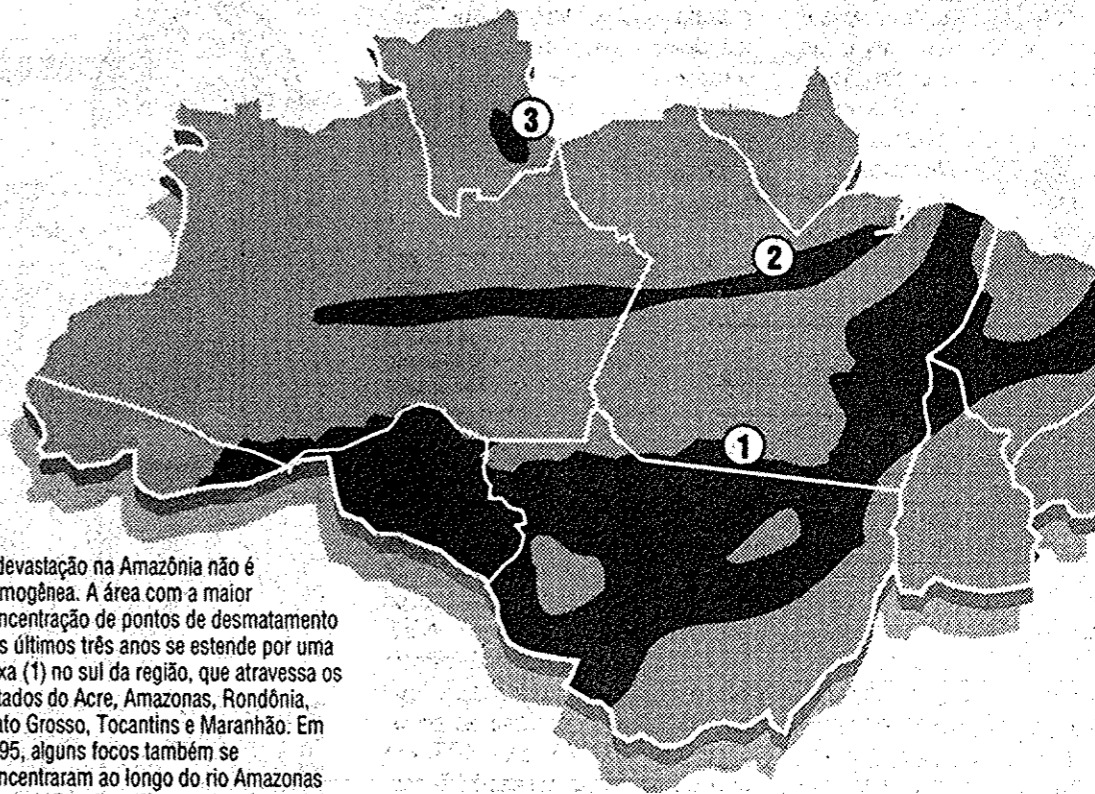
desflorestamento da Amazônia, seguidos de Rondônia e Amazonas – estes com 20% do total.

“A análise desses dados será permanente e vai permitir ao governo intervir para controlar o desflorestamento”, afirmou o ministro da Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas, que também participou da solenidade. O diretor do Inpe, Márcio Nogueira Barbosa, disse que a partir de agora, os órgãos oficiais do governo vão ter o levantamento atualizado ano a ano. “Esses dados vão subsidiar a elaboração de políticas de governo e não para satisfazer a curiosidade de estrangeiros”, disse Israel Vargas.

**Custo** – Para concluir o levantamento, o Inpe recebeu e processou 47 imagens do satélite americano Landsat, de uma área onde estão concentrados 75% dos desflorestamentos. O projeto custou R\$ 2,5 milhões, envolveu 45 mil horas de trabalho e 14 mil horas de utilização dos equipamentos de medição. Ao contrário de outros anos, neste trabalho o Inpe cruzou os dados de satélite com os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para identificar os tipos de vegetação mais atingidos pelo desflorestamento.

Os ambientalistas acham, porém que os números revelam uma verdadeira tragédia ambiental. “Os dados mostram que o governo não consegue controlar o desmatamento. No período de 1990 a 1991, quando os índices eram relativamente baixos, o governo poderia ter iniciado um trabalho, mas não fez. Os números do ano passado são superiores a 1991”, disse João Paulo Capobianco, coordenador do Instituto Socioambiental de São Paulo.

### Rastros de destruição



A devastação na Amazônia não é homogênea. A área com a maior concentração de pontos de desmatamento nos últimos três anos se estende por uma faixa (1) no sul da região, que atravessa os estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. Em 1995, alguns focos também se concentraram ao longo do rio Amazonas (2) e em Roraima (3).

QUANTO FOI DESMATADO ATÉ AGOSTO DE 1996		A EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA LEGAL		TAXA ANUAL DE DESMATAMENTO	
Acre	13.742	1978/1988*	21.130	Período	1994/1995 : 1995/1996
Amapá	1.782	1988/1989	17.860	Acre	1.208 : 433
Amazonas	27.434	1989/1990	13.810	Amapá	9 : -
Maranhão	99.338	1990/1991	11.130	Amazonas	2.114 : 1.023
Mato Grosso	119.141	1991/1992	13.786	Maranhão	1.745 : 1.061
Pará	176.138	1992/1994**	14.896	Mato Grosso	10.391 : 6.543
Rondônia	48.648	1994/1995	29.059	Pará	7.845 : 6.135
Roraima	5.363	1995/1996	18.161	Rondônia	4.730 : 2.432
Tocantins	25.483			Roraima	220 : 214
<b>TOTAL</b>	<b>517.069</b>			Tocantins	797 : 320
	(em km <sup>2</sup> )		(em km <sup>2</sup> )		(em km <sup>2</sup> )

Fonte: INPE

### Dados demoraram a sair

Uma das principais queixas dos ambientalistas foi a demora na divulgação dos dados. Esta também tem sido uma exigência constante dos organismos internacionais envolvidos com projetos ambientais na Amazônia. “Os números de 1995 e 1996 não foram fechados ontem. O governo já devia saber disso há algum tempo mas esperou para di-

vulgar os dados agora, quando havia uma perspectiva de queda na taxa de desmatamento”, afirmou o diretor de desenvolvimento do Greenpeace, Paulo Adário.

Segundo o ambientalista, o governo teve muita habilidade na apresentação dos dados: “Eles se desviaram da magnitude dos números”, afirmou. Entre 1994 e 1995, a área

desmatada foi um recorde histórico: 29.059 quilômetros quadrados, quase o dobro do ano anterior.

Pelos dados apresentados ontem, ficou relativamente claro que a maior parte do desmatamento ocorre em áreas de pequena extensão. Isso indica que os pequenos proprietários são a frente de expansão sobre a floresta.